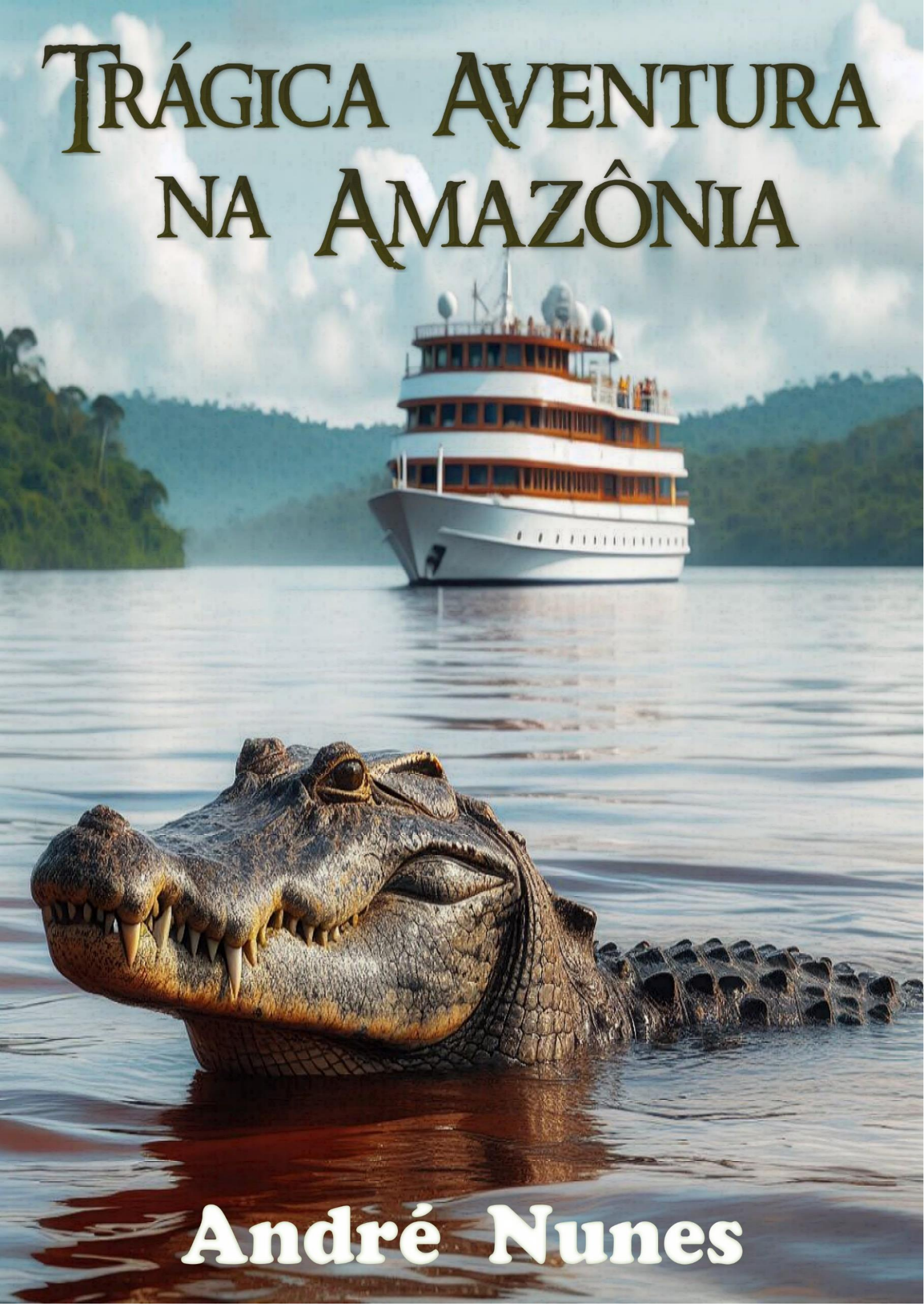
Trágica Aventura na Amazônia



André Nunes

André Nunes

Trágica Aventura na Amazônia

Rio de Janeiro

2024

Copyright© *by* André Lúcio de Faria Nunes

e-mail:

andre_nunes2010@yahoo.com.br

Dedico meu primeiro livro
à pessoa que me introduziu ao
fantástico universo da leitura.
Minha mãe, Roseli Reis de Faria,
que se encontra aos cuidados de
Jeová.

Agradecimentos

Meus agradecimentos vão para a minha namorada Adaíla Neres Silva, à família dela e ao maravilhoso povo de Belém, Melgaço, Portel, Breves, Lagoa do Biribá, Vila Pedreira e toda Amazônia paraense. Me inspirei nas histórias que me contaram, para escrever este livro.

Notas do Autor

No dia 7 de setembro de 2018, conheci uma marajoara pelo Facebook e logo estávamos conversando pelo WhatsApp. Uma dessas conversas durou onze horas, sendo interrompida somente por refeições e idas ao banheiro. O interesse um pelo outro avançou, e a vontade de nos conhecermos pessoalmente, aumentou. Então, quarenta dias após nosso primeiro contato pelas redes sociais, peguei um avião do Rio de Janeiro para Belém e uma barca que levou dezesseis horas de Belém para Breves, no Arquipélago do Marajó, onde ela estava me aguardando. Começamos a namorar e acabei me apaixonando por ela, pela família dela e pela região. Até o término deste livro, fiz ao todo, quatro viagens até a Ilha de Marajó, sendo que nas duas últimas, fui bem além, tendo sido a Reserva de Caxiuanã o ponto mais distante que cheguei na Amazônia. Ela e o pai dela me levaram para conhecer lugares incríveis na distante floresta amazônica. Eu retribuí, apresentando a ela vários pontos turísticos no Rio de Janeiro, minha cidade natal. Mas em minha estadia na região amazônica, pude perceber os vários perigos e riscos que aquela região oferece. Eu próprio adoeci em três ocasiões. Tive duas disenterias graves e uma virose que causou a febre mais alta que já tive na minha vida. Estive muito perto de cobras e aranhas venenosas. Estar lá é sempre uma aventura. Me baseei em tudo o que vi, vivi e ouvi na Amazônia paraense para escrever este livro fictício. Espero que gostem. E se gostarem, quem sabe não escrevo uma continuação? Boa leitura!!!

Índice:

Dedicatória.....002
Agradecimentos.....003
Notas do Autor.....004
Prólogo.....007
Quem é Álvaro Fernandes Becker?.....011
Meu Professor Particular de Biologia.....021
Matheus, o Guia Mameluco.....031
Meu Relacionamento Conturbado.....041
O Primeiro Segurança Escalado.....051
O Antropólogo, o Barqueiro e o Mecânico.....062
Finalizando a Tripulação.....071
Um Turista de Última Hora.....081
O Dia da Partida.....090
Um Corpo à Deriva.....102
Costa do Descobrimento.....110
Amazônia, Enfim!.....119
Um Macaco-de-Cheiro Antissocial.....131
O Ataque das Ariranhas.....139
A Descarga Elétrica do Poraquê.....150
A Serpente Camuflada na Árvore.....157
Silvana, uma Guerreira.....167
Um Cachorro-Vinagre Cai na Armadilha.....175

Capturando um Jacaré-Açu.....183
A Picada da Tarântula-Golias.....195
Boatos sobre Índios Isolados.....201
O Espírito da Floresta.....210
A Fazenda Neres.....218
Seguindo o Rastro.....224
Equipe de Busca, Resgate e Salvamento.....231
Uma Cobra D'água na Tarrafa.....243
Sapos Ponta-de-Flecha.....254
O Crocodilo da Amazônia.....262
Um Pedido de Socorro.....274
Garimpeiros e Traficantes.....285
Outro Pedido de Socorro.....298
O Escorpião e a Anaconda.....307
Naufrágio na Baía de Marajó.....318
O Sentimento de Culpa.....329
Acervo de Ilustrações.....339

Prólogo

Meu nome é Álvaro Fernandes Becker, um nome que ecoa a herança de meus antepassados e a tapeçaria complexa de minha vida. Enquanto escrevo estas palavras, estou sentado na minha cobertura no coração pulsante de Ipanema, um bairro que tem sido meu refúgio e lar por mais de duas décadas.

A pandemia de COVID-19, um inimigo invisível que assolou o mundo, me levou a uma quarentena autoimposta. Foi uma decisão que pesou em meu coração, mas era necessária, considerando a gravidade da situação. A vida, como eu a conhecia, foi abruptamente interrompida e eu me encontrei confinado dentro das quatro paredes de meu apartamento. O mais longe que cheguei nos últimos dois meses foi a porta do elevador, um lembrete constante de quão pequeno o mundo se tornou.

Escrever este livro foi a solução que encontrei para driblar o tédio da quarentena. Cada palavra que escrevo é um passo para fora da minha cobertura, uma fuga da monotonia da minha rotina diária. Este livro tornou-se minha janela para o mundo, um portal para lugares e pessoas que não posso visitar fisicamente.

Vivo sozinho, uma escolha que fiz há muitos anos, mas meu apartamento costumava ser um lugar de encontros e celebrações. Era um lugar cheio de risos e conversas, agora silencioso e vazio. As visitas, que antes eram frequentes, cessaram completamente com o início da

quarentena. Nunca me casei e não tenho filhos. Minha solidão, que antes era uma escolha, agora é uma circunstância imposta pela pandemia.

O confinamento tem sido uma experiência desafiadora, justamente porque estou acostumado a estar cercado de pessoas. A interação humana, que antes era uma parte tão intrínseca da minha vida, foi substituída por conversas digitais. As redes sociais tornaram-se minha janela para o mundo exterior, um substituto pálido para a rica tapeçaria de interações humanas que eu costumava desfrutar.

Nem preciso dizer que não é a mesma coisa. As conversas digitais, por mais convenientes que sejam, não conseguem capturar a essência da interação humana. Há falta de contato físico e ausência de expressões faciais. As palavras digitais não conseguem substituir a calorosa troca de sorrisos, a alegria de um aperto de mão amigável ou o conforto de um abraço acolhedor.

A solidão, que antes era uma companheira ocasional, tornou-se uma presença constante em minha vida. Ela se acomoda ao meu lado durante as refeições silenciosas, ecoa nas paredes vazias de minha cobertura e se infiltra nos meus pensamentos durante as longas noites de insônia.

Neste momento de isolamento, percebo o quanto valorizo a conexão humana. A pandemia de COVID-19, apesar de todas as suas adversidades, me fez apreciar as pequenas coisas da vida. E enquanto aguardo o dia em que poderei voltar a abraçar meus amigos e familiares, encontro consolo nas páginas deste livro, onde posso

expressar meus pensamentos e sentimentos mais profundos.

Apesar da solidão e do isolamento, estou plenamente ciente da gravidade da situação global. A pandemia de COVID-19 não é apenas uma crise de saúde, mas uma crise humanitária que afetou milhões de vidas em todo o mundo. Reconheço a necessidade de me proteger, não apenas por mim, mas também pela saúde e segurança da comunidade em geral.

Aos 62 anos de idade e sendo obeso, estou enquadrado no grupo de risco. Esta realidade me fez perceber a fragilidade da vida e a importância de cuidar da minha saúde. Cada dia de quarentena é um lembrete de que devo tomar precauções extras para me proteger.

Embora a solidão seja difícil, sei que é um pequeno preço a pagar pela minha segurança e pela segurança dos outros. Cada dia que passo em isolamento é um dia a mais que contribuo para a luta contra a pandemia. E, embora o isolamento seja desafiador, também é uma oportunidade para reflexão e crescimento pessoal. É uma chance de olhar para dentro, de reavaliar prioridades e de descobrir novas paixões. E, no final das contas, é uma lembrança de que, mesmo nos momentos mais difíceis, há sempre esperança.

Que é Álvaro Fernandes Becker?

Permitam-me compartilhar um pouco mais sobre quem eu sou. Como já havia dito antes, sou Álvaro Fernandes Becker, um nome que é um mosaico de minha herança, tecido com os fios da história de meus antepassados e da minha própria jornada. Enquanto traço estas palavras, estou envolto no conforto da minha cobertura no coração pulsante de Ipanema, um bairro que tem sido meu refúgio e lar por mais de duas décadas.

Nasci do relacionamento entre um alemão chamado Josef e uma brasileira chamada Rosa. Meu pai era um homem de negócios próspero, dono de três fábricas em Munique, um legado que herdou de meus avós paternos. Josef H. Becker não era apenas meu pai, mas também um dos homens mais inteligentes que já tive o privilégio de conhecer. Ele era um farol de sabedoria e força, um homem cuja inteligência era apenas superada por sua bondade.

Em 1933, quando Adolf Hitler ascendeu ao poder na Alemanha, a inteligência e a intuição de meu pai o levaram a tomar uma decisão que mudaria o curso de sua vida. Ele decidiu deixar a Alemanha, motivado pelo fato de que sua primeira esposa, Helene, era judia, embora não praticante. Além disso, meu pai tinha uma impressão muito negativa do novo chanceler. Ele sentiu uma tempestade se formando no horizonte e decidiu que era hora de buscar abrigo.

Helene, no entanto, não compartilhava da mesma opinião. Ela tentou persuadir meu pai a ficar, argumentando que, como alemã, acreditava que a situação logo se estabilizaria e que as hostilidades ao povo judeu cessariam. Ela acreditava que tudo não passava de narrativa política e que, uma vez que Hitler se consolidasse no poder, as coisas voltariam ao normal. Ela via a tempestade como uma chuva passageira, incapaz de ver a destruição que estava por vir.

Felizmente, meu pai não se deixou influenciar. Manteve-se firme em sua decisão de vender tudo e deixar o país, o que provavelmente salvou a vida de Helene. Apesar das circunstâncias adversas e do clima de incerteza, meu pai conseguiu vender cerca de setenta por cento de seus bens na Alemanha. Ele transformou o que poderia ter sido o fim em um novo começo.

Helene, a primeira esposa de meu pai, teve que enfrentar uma das decisões mais difíceis de sua vida, quando meu pai decidiu deixar a Alemanha. Ela chorou ao ter que se despedir de seus pais em Munique, que foram convidados por meu pai a se mudarem para o Brasil. No entanto, nenhum argumento foi suficiente para convencê-los a deixar sua terra natal. Eles escolheram ficar, uma decisão que teria consequências devastadoras.

Anos mais tarde, após o fim da Segunda Guerra Mundial, Helene, em um esforço para descobrir o paradeiro de seus pais, contratou investigadores. Eles fizeram um trabalho meticuloso e reuniram provas de que seu pai, sua mãe e sua única irmã, que era apenas uma adolescente na época, foram executados pela Schutzstaffel, ou SS, a terrível

“polícia” nazista. Eles foram enterrados em uma vala comum, um destino cruel que ocorreu antes mesmo da criação dos campos de concentração. A descoberta foi um golpe devastador, uma ferida que nunca cicatrizou completamente.

A notícia devastadora sobre a execução de seus pais transformou Helene de maneira irreversível. Segundo meu pai, a luz que uma vez brilhou em seus olhos foi substituída por uma tristeza profunda que a consumia dia após dia e ela caiu em uma depressão que acabou por encurtar sua vida. Cinco anos após receber a notícia fatídica, e uma década após o fim da guerra, Helene sucumbiu a um ataque cardíaco, deixando este mundo aos 51 anos de idade.

Meu pai, em um momento de vulnerabilidade, me confidenciou algo. Ele me revelou que Helene foi o grande amor de sua vida. Minha mãe, apesar de todos os seus esforços, nunca conseguiu preencher o vazio que Helene deixou em seu coração. Era como se uma parte dele tivesse partido com ela, deixando um espaço que ninguém mais poderia ocupar.

Ele se casou com Helene quando era apenas um jovem de 20 anos, e ela, uma menina de 16. Eles eram jovens, apaixonados e cheios de sonhos para o futuro. No entanto, o destino tinha outros planos e Helene foi tirada dele prematuramente. Desesperado para preencher o vazio que Helene deixara em sua vida, ele buscou consolo em minha mãe, uma mulher 22 anos mais nova que ele. Eles se casaram em 1957, numa tentativa de curar as feridas do passado.

No ano seguinte, eu vim ao mundo. Meu pai, nascido no alvorecer do século XX, em 1900, viveu uma vida cheia de desafios. Infelizmente, ele sucumbiu ao câncer linfático aos 73 anos. Eu era apenas um adolescente de quinze anos, ainda tentando entender o mundo ao meu redor.

Minha mãe, por outro lado, teve sua vida ceifada subitamente num acidente de automóvel na rodovia BR-101. Ela estava a caminho de visitar minha tia em Carapebus. Eu tinha 26 anos na época, e a perda repentina me deixou desorientado. A dor da perda era uma companheira constante, um lembrete cruel da efemeridade da vida.

Em algum lugar, em uma realidade alternativa, eu teria um meio irmão alemão. Ele seria o filho mais velho, o primeiro a experimentar o mundo, o primeiro a abrir caminho para mim. Mas, infelizmente, ele nasceu morto, vítima de uma tragédia inimaginável.

Segundo os médicos, ele foi enforcado pelo próprio cordão umbilical, aquele que deveria ter sido seu cordão de vida, sua conexão com a mãe, sua fonte de nutrição e crescimento. Em vez disso, tornou-se o instrumento de sua morte prematura. Uma ironia cruel do destino, uma reviravolta trágica que ninguém poderia ter previsto.

Em momentos de reflexão, eu me pego imaginando como seria ter um meio irmão alemão. Como seria sua voz? Ele teria o mesmo sorriso que o meu? Ele seria alto como nosso pai?

Meu pai, quando tinha apenas 19 anos, foi forçado a assumir as responsabilidades de um homem feito, quando

a tragédia atingiu a família. Ele herdou as fábricas de seu pai, Hans, um homem cuja paixão por aviões era tão vasta quanto o céu azul que ele tanto amava. Meu avô era conhecido na cidade, não apenas como um empresário bem-sucedido, mas também como um aviador entusiasta, sempre pronto para compartilhar histórias de suas aventuras aéreas.

Em um fatídico dia, meu avô Hans decidiu fazer uma viagem aérea para a Baviera, uma região que sempre lhe fascinou com sua beleza natural e rica história. Minha avó, sempre ao lado de seu amado marido, decidiu acompanhá-lo naquela viagem. Eles embarcaram no monomotor de Hans, uma máquina que ele tratava com o mesmo cuidado e atenção que dedicava à sua família e ao seu negócio.

No entanto, o que deveria ser uma viagem tranquila, se transformou em um pesadelo. O tempo mudou rapidamente e a neve começou a cair, provavelmente obscurecendo a visão dele. A aeronave, que até então cortava os céus com facilidade, encontrou seu fim trágico ao colidir com uma montanha. A notícia do acidente foi um golpe devastador para a família, uma perda que deixou uma cicatriz que nunca cicatrizaria completamente.

A vida é uma tapeçaria de momentos, tecida com fios de alegria e tristeza. Cada um desses momentos nos molda, nos transforma, nos faz quem somos. E, apesar de todas as adversidades, continuamos a viver e a amar, assim como meu pai fez.

Ele, apesar de sua tenra idade, possuía uma determinação e um espírito empreendedor que desafiavam

as expectativas. Muitos esperavam que, sendo tão jovem, ele não conseguisse manter as fábricas de pé e que, eventualmente, elas acabassem fechando. No entanto, meu pai provou que essas previsões estavam erradas. Ele não apenas manteve as fábricas funcionando, mas também as fez prosperar, um testemunho de sua habilidade e determinação.

Com o dinheiro da venda de duas das fábricas e de alguns imóveis que possuía na Alemanha, meu pai fez uma jogada ousada. Ele comprou várias propriedades no Rio de Janeiro, uma cidade vibrante e cheia de oportunidades. Essas propriedades, cujos aluguéis se tornaram nosso sustento, incluíam galpões, lojas, sítios, casas e apartamentos espalhados pela cidade. Hoje, vivo dessa herança, um legado tangível do espírito empreendedor do meu pai.

Mas vocês podem estar se perguntando: por que o Rio de Janeiro? A resposta está em um dos gerentes de meu pai, um carioca de coração. Este homem, que havia migrado para a Alemanha em 1921, era conhecido por sua competência e seu senso de humor. Ele era inteligente e aprendeu a língua alemã muito rapidamente. Durante uma entrevista de emprego, ele conseguiu convencer meu pai de que seria um ótimo negócio contratá-lo. E ele estava certo. Apesar de sua lábia, ele era extremamente profissional e, após alguns anos, chegou à gerência de uma das fábricas.

Sérgio, um homem de espírito alegre e contagiante, tinha uma maneira única de contar histórias. Ele falava de seu país natal com tanto amor e paixão que era impossível

não se sentir atraído por suas narrativas. Ele falava principalmente de sua cidade, o Rio de Janeiro, com um brilho nos olhos que era difícil de ignorar. Meu pai, que compartilhava com ele o amor por belos cenários, ficou fascinado pelas histórias de Sérgio e decidiu conhecer o Rio de Janeiro em 1930. Foi amor à primeira vista. Quando decidiu deixar seu país natal em 1934, não teve dúvidas de que o Rio de Janeiro seria seu novo lar.

Sérgio voltou para o Rio na mesma época em que meus pais se mudaram. Eles viajaram juntos, fortalecendo ainda mais a amizade que havia entre eles. Essa amizade durou anos, até que Sérgio, infelizmente, morreu de forma súbita em sua casa de veraneio em Itaipuaçu, um distrito de Maricá. Ele caiu morto à beira da piscina, na frente de sua filha e netos, aos setenta e poucos anos de idade.

Foi graças a Sérgio que recebi o nome Álvaro. Meu pai inicialmente, queria que eu me chamasse Hans, em homenagem ao meu avô. No entanto, Sérgio, com sua sabedoria e perspicácia, argumentou que, como eu havia nascido no Brasil, precisava de um nome brasileiro. Ele acreditava que se eu me chamasse Hans, poderia ser motivo de piada na escola. Minha mãe concordou com Sérgio e isso foi suficiente para que meu pai aceitasse. E assim, me tornei Álvaro, um nome que carrego com orgulho até hoje.

Como único filho do casal, herdei características físicas de ambos. De meu pai, herdei a estatura, embora não tão alta quanto a dele. Ele era um homem com 1,90 m, enquanto eu tenho 1,85 m. Também herdei seus olhos azuis, que sempre me lembram dele quando me olho no

espelho. De minha mãe, herdei os cabelos castanhos, que agora estão grisalhos, e a tendência a ganhar peso. Durante muitos anos, controlei meu peso com dietas e exercícios físicos, mas após completar 60 anos, relaxei um pouco e acabei ganhando alguns quilos. Atualmente, peso 117 kg. A cada olhada no espelho, vejo um reflexo de ambos. Uma mistura de suas características, que me fazem quem eu sou.

Meu pai era uma figura esbelta, que o distinguia na multidão. Minha mãe, por outro lado, tinha estatura média e, após meu nascimento, começou a ganhar peso. Ao pesquisar a árvore genealógica de meus pais, descobri que tenho sangue espanhol e indígena por parte de mãe. Essas raízes, entrelaçadas com a história e a cultura de duas nações distintas, são uma parte integral de quem sou. Sinto muito orgulho de minhas raízes e valorizo a rica tapeçaria cultural que elas representam.

A vida que levo, sustentada pelos aluguéis de meus imóveis, me proporcionou uma certa liberdade. Diferentemente da maioria do povo brasileiro, não precisei cumprir horários rígidos de trabalho. Isso me permitiu viver de uma maneira mais tranquila, contrastando a dura batalha que muitos enfrentam no dia a dia. Tenho a liberdade de acordar na hora que quero, de passar meu tempo como acho melhor, de viver a vida como me convém.

Em termos de crenças, meu pai não seguia uma religião específica, embora acreditasse em Deus. Ele tinha uma fé simples, mas profunda, que guiava suas ações e decisões. Minha mãe, por outro lado, era católica e costumava

frequentar as missas. Eu me considero cristão, mas não frequento a igreja com regularidade. No entanto, minha fé é forte e já vivenciei muitos milagres em minha vida. Oro a Deus e a Jesus Cristo com frequência, buscando orientação, bençãos e o perdão de meus pecados. Minha relação com a espiritualidade é uma jornada constante, e a fé em Deus e Jesus Cristo é uma âncora que sustenta minha alma. Nos momentos de incerteza, encontro consolo em minhas orações sinceras.

Sempre tive um forte desejo de fazer a diferença na vida dos menos favorecidos. Foi com esse pensamento que criei um projeto social para ajudar famílias carentes em todo o Brasil. Motivado por uma profunda empatia, esse projeto tem como objetivo proporcionar esperança e apoio a essas famílias. É uma maneira de dar algo de volta à comunidade, de fazer a diferença na vida daqueles que mais precisam.

A liberdade que tenho, por não estar “preso” a um cargo ou emprego, me permitiu explorar o mundo. Meus imóveis são geridos por várias imobiliárias e minha instituição de caridade é administrada por Dona Mariana, uma pessoa de minha máxima confiança. Essa liberdade me levou a conhecer lugares incríveis e culturas fascinantes. Tenho memórias maravilhosas de caminhar pelas estreitas ruas de Kyoto, no Japão, com suas cerejeiras em flor, e de sentir a brisa fresca nas praias de Bali. Cada cidade que visitei tinha sua própria magia, desde a arquitetura histórica de Roma até a serenidade dos templos em Bangkok. Caminhar pelas ruas históricas de Paris, explorar as pirâmides majestosas do Egito e absorver a vibrante cultura de Nova York foram algumas das

experiências que tornaram minhas viagens internacionais verdadeiramente inesquecíveis.

No entanto, minha aventura mais incrível ocorreu aqui mesmo, em território nacional. Foi uma jornada que me levou às exuberantes florestas amazônicas. Essa aventura, que começou como uma busca por uma nova espécie animal, teve desdobramentos inesperados. Enfrentei desafios inimagináveis, e as consequências desses desafios, marcadas por perdas irreparáveis, permanecem comigo como cicatrizes emocionais. Essa experiência me ensinou muito sobre a vida, a natureza e a resiliência humana. Como podem perceber, este é um livro de aventuras, mas também de tragédias. É uma história de vida, de amor, de perda e de redenção. E, acima de tudo, é uma história de esperança, de como, mesmo nos momentos mais sombrios, podemos encontrar a luz.



Meu Professor Particular de Biologia

Naquela manhã de dezembro, o sol começava a se esgueirar entre as folhas da densa vegetação, como um artista habilidoso pintando um mosaico de luz e sombra no chão da sede Pau-da-Fome do Parque Estadual da Pedra Branca. O ar estava fresco e limpo, carregado com o aroma doce e terroso da floresta. O som dos pássaros cantando e das folhas farfalhando ao vento era a única música que se ouvia.

O Parque Estadual da Pedra Branca é um lugar onde a natureza se desdobra em sua máxima exuberância. As árvores se erguiam majestosas, suas copas formando um dossel verde que filtrava a luz do sol, criando um efeito quase mágico. As flores silvestres salpicavam o chão com pontos de cor, e os animais, embora ocultos, deixavam sua presença conhecida através dos sons suaves que vinham da mata e eu, um mero observador, estava prestes a ter um encontro singular.

O sujeito que capturou minha atenção era um homem de meia-idade, com cabelos grisalhos que brilhavam sob a luz do sol. Seus olhos eram profundos e sábios, pareciam ter visto mais do que a maioria das pessoas poderia imaginar. Havia uma história por trás daqueles olhos, uma história de experiências vividas e lições aprendidas.

Ele se movia com uma destreza quase felina, cada movimento calculado e preciso. Suas mãos ágeis

vasculhavam o solo coberto de folhas secas, como se estivessem lendo um livro escrito na linguagem da natureza. A cada movimento, ele revelava um pouco mais do mistério que se escondia sob aquela camada de detritos. Era como se ele estivesse desvendando os segredos da floresta, um pedaço de cada vez.

A cada folha que ele afastava, a cada pedra que ele virava, a floresta parecia se abrir para ele. Era como se ele fosse um explorador em uma terra desconhecida, descobrindo novos mundos sob a superfície aparentemente comum do solo da floresta. E eu, um mero espectador, estava fascinado por sua habilidade e determinação.

Ele parecia estar em sintonia com a floresta, como se fosse parte dela. Ele entendia seus sinais e sabia como responder a eles. Para ele, a floresta não era apenas um lugar, era um ser vivo, um amigo, um professor. E eu, observando-o, não pude deixar de sentir uma profunda admiração por esse homem, que, com sua simplicidade e sabedoria, me mostrou uma nova maneira de ver e entender a natureza.

Movido pela curiosidade, comecei a me aproximar dele. Meus passos eram quase inaudíveis, abafados pelo tapete de terra seca que cobria o chão da floresta. Ele estava tão concentrado em seu trabalho que não pareceu notar minha presença, até que eu estivesse quase ao seu lado.

Quando finalmente ergueu os olhos para me ver, sua expressão era uma mistura de surpresa e irritação. Seus olhos, que antes estavam focados no solo, agora estavam

fixos em mim. Eu podia ver a surpresa em seu olhar, como se ele não esperasse ser interrompido. Mas havia também um toque de irritação, um leve franzir de sobrancelhas que revelava seu descontentamento.

Eu não podia culpá-lo; afinal, eu o havia interrompido em seu trabalho minucioso. Ele estava em um mundo próprio, imerso na tarefa de desvendar os segredos da floresta, e eu havia invadido esse espaço. Eu podia apenas esperar que ele entendesse que minha intromissão não era intencional, mas sim o resultado de minha curiosidade insaciável.

"O senhor deseja alguma coisa?", perguntou ele, a voz carregada de impaciência.

"Desculpe te interromper", respondi, "mas é que gosto de observar os animais."

Ele franziu o cenho, mas algo em minha sinceridade pareceu amolecer sua atitude. "O senhor é biólogo?", indagou, apontando para o pequeno anfíbio que segurava na palma da mão. A luva de látex denunciava sua dedicação à causa.

"Não", admiti, "mas adoro anfíbios. Qual o nome deste aí?"

"É um *Haddadus binotatus*." Sua voz era calma agora, quase reverente. "Agora posso continuar com meu trabalho?"

"Ah, tá... agora entendi. O senhor sim, é biólogo."

"Professor de biologia", corrigiu ele. "Uau... Taí uma coisa que eu gostaria de ter sido."

“Se gostaria, por que não estudou biologia?”, perguntou, curioso.

Suspirei, olhando para o horizonte. “A faculdade me prenderia no Brasil. Viajo com frequência. Não há nada que me dê mais prazer. E o senhor, gosta de viajar?”, arrisquei.

“Sim, gosto. E viajaria mais se o salário de professor não fosse tão baixo neste país.”

Conforme a conversa avançava, a expressão dele ia mudando. A tensão inicial cedia espaço a uma espécie de serenidade. Ele tirou algumas fotos da pequena rã, depois a colocou de volta ao solo com muito cuidado. Voltou a remexer as folhas, como se buscasse outros segredos escondidos. Capturou uma centopeia, duas outras rãs da mesma espécie da primeira e um terceiro anfíbio, que parecia ser uma perereca. Pegou também alguns insetos, cada um deles um fragmento de vida que ele registrava com sua câmera.

“Obrigado pela conversa”, disse ele, finalmente. “A natureza é minha verdadeira paixão. E, às vezes, é preciso seguir o coração, mesmo que isso signifique não seguir o caminho mais rendoso financeiramente.”

Assenti, observando-o enquanto ele se afastava. Naquele momento, percebi que a paixão pela natureza não conhece fronteiras nem limites. Ela nos leva a lugares inesperados, nos conecta a estranhos e nos ensina que, às vezes, a melhor jornada é aquela que nos leva para dentro de nós mesmos.

Eu o segui. Suas anotações meticulosas no bloco de notas que trazia no bolso da camisa, revelavam um

comprometimento com os detalhes. Ele respondia pacientemente às minhas perguntas, mesmo quando minha curiosidade beirava a insistência.

"Sou muito curioso", confessei, "e minha curiosidade me torna chato, às vezes."

Ele sorriu, um lampejo de compreensão em seus olhos. "Não se preocupe. A curiosidade é o motor do conhecimento."

Com o desconforto do primeiro contato dissipado, ele parecia mais à vontade. Não apenas respondia, mas também compartilhava. Seu rosto se iluminava ao falar sobre os animais que estudava. "Meu nome é Aníbal", disse ele. "E, a propósito, não sou só um professor. Também sou um eterno aprendiz."

Saímos do núcleo do parque quando as sombras se alongavam e o portão estava prestes a fechar. A fome nos impelia, e encontramos abrigo em uma padaria próxima. Entre mordidas de pão e goles de café, continuamos nossa conversa.

"Em que países você já esteve, professor?", perguntei.

"Por favor, me chame pelo meu nome", corrigiu ele. "Estive na Austrália, Nova Zelândia, Espanha e Rússia. Sri Lanka também. Minha paixão por estudar o reino animal me levou a lugares fascinantes."

"Ah, sim... conheço todos esses", respondi. "Dentre esses, meu preferido é a Austrália. Esteve em Airlie Beach, Atherton Tablelands, Townsville, Darwin ou Sunshine Coast?"

Aníbal negou com a cabeça. “Não. Não fui a passeio. Fui pesquisar. Fui conhecer o *Crocodylus porosus*. Mais conhecido como crocodilo de água salgada.”

“O crocodilo australiano. O maior do mundo”, completei.

“Perfeitamente. Nem me pergunte sobre os pontos turísticos da Rússia e etc. Não estive em nenhum. Fui pesquisar animais de meu interesse no habitat natural deles. Mas é claro que não deixei de admirar a geografia dos locais por onde passei.”

Curioso, arrisquei outra pergunta: “Então me diga só por curiosidade… qual animal você foi estudar na Rússia?”

Seus olhos brilharam. “O *Panthera tigris tigris*. Tigre siberiano. E antes que você pergunte, sim, é o maior felino do mundo.”

Justamente quando a conversa estava ficando interessante, fomos gentilmente enxotados pelos funcionários da padaria. O estabelecimento já estava para fechar, e eles precisavam preparar tudo para o próximo dia. Mas isso não foi suficiente para interromper nossa conversa. Saímos do aconchego da padaria e continuamos nosso bate-papo do lado de fora, sob o céu estrelado. A lua brilhava no céu, e as estrelas pareciam piscar em sintonia com nossas risadas e histórias.

Aníbal, com seu jeito cativante, começou a compartilhar histórias de suas expedições. Ele falou sobre as montanhas que escalou, os rios que cruzou, as florestas que explorou, tudo para poder colocar seus dons em prática e poder adicionar mais conhecimentos ao mundo da biologia. Cada história era mais fascinante que a

anterior, e eu me peguei pendurado em cada palavra, cada detalhe.

Era um dia comum quando tudo começou, o início de uma parceria que se tornaria grande e inesquecível. Como uma semente plantada em solo fértil, nossa amizade germinou rapidamente, crescendo forte e saudável entre nós. Não demorou muito para que nossos encontros se tornassem frequentes, quase uma rotina agradável que ambos ansiávamos.

Compartilhávamos não apenas nossas casas, mas também nossas experiências, histórias e sonhos. Ele, um homem divorciado, também vivia sozinho. Seus dois filhos, já adultos, moravam com a mãe.

Quando nos encontrávamos para beber e conversar, era muito comum perder a noção do tempo. As horas passavam como minutos, e os minutos como segundos. Foi numa dessas ocasiões que fomos ao Restaurante Garota de Ipanema. O lugar era conhecido por sua atmosfera acolhedora e pela excelente comida.

- Aníbal, você sabia que Tom Jobim e Vinícius de Moraes vinham aqui com frequência? E que eles também “fechavam” o bar?

- Claro que sabia. Sou profundamente apaixonado pela música popular brasileira. Música é arte.

Numa dessas noites em que o barulho da cidade se misturava com nossas conversas, Aníbal expressou sua visão sobre a arte. Para ele, a música era uma forma de expressão artística, enquanto eu compartilhava minha convicção de que minha arte eram os belos cenários

naturais. Essa troca de perspectivas solidificou ainda mais nossa compreensão mútua.

- Arte para mim, é paisagem.

- Você já esteve na Amazônia?

- Sim. Várias vezes.

- Onde?

- Em Manaus, Belém, Macapá...

- Você esteve na Floresta Amazônica? No meio do mato?

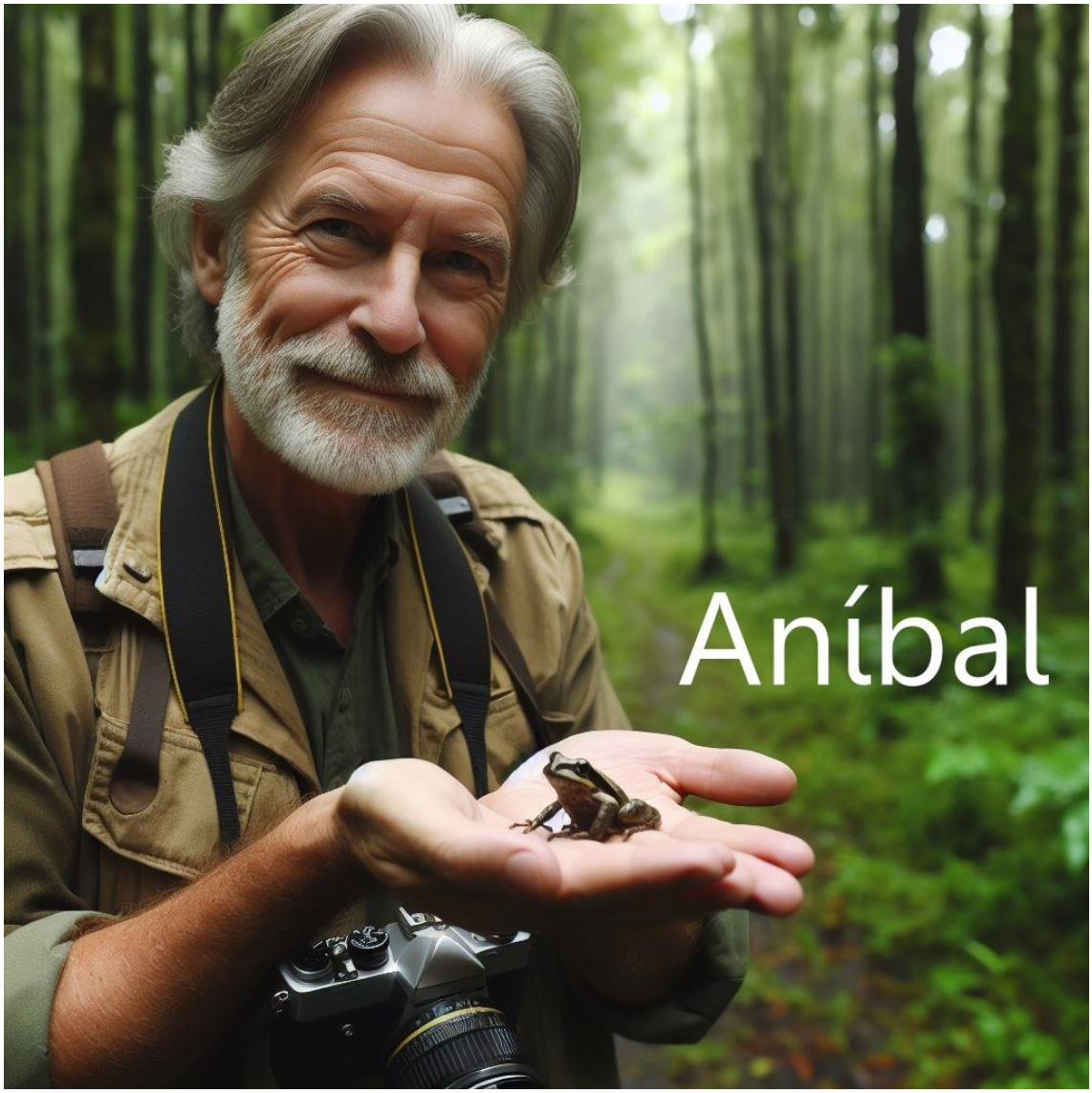
- Não... ainda não.

- Meu amigo, o que você está esperando? Nunca tive tanta pesquisa a céu aberto quanto na região amazônica. Para mim, a Amazônia é o paraíso. E creia no que vou lhe dizer... no dia em que conhecer a Floresta Amazônica, vai ser amor à primeira vista, porque sei como fica encantado com "wonderful places". Como eu gostaria de ter mais recursos e infraestrutura para dar prosseguimento às minhas pesquisas naquela região...

Naquela mesma noite, já em casa, enquanto as sombras dançavam pelas paredes do meu quarto, uma inquietação se instalou em minha mente. Seria aquilo uma indireta? Uma sugestão velada para que eu financiasse suas pesquisas na região e, de quebra, aproveitasse para conhecer a misteriosa Floresta Amazônica? A curiosidade me corroía, e Aníbal, com sua paixão pelo reino animal, havia plantado uma semente de inquietação em meu coração.

Mil pensamentos se entrelaçavam, irrigados pelo álcool que ainda pulsava em minhas veias. Um plano audacioso começou a se formar, como um rio que serpenteia pela floresta, ganhando força a cada curva. Eu compraria um barco novo, equipado para enfrentar as águas imprevisíveis da Amazônia. Mantimentos e medicamentos seriam nossos aliados, e a tripulação seria composta por um grupo eclético: Aníbal, o experiente biólogo; um clínico geral para cuidar de nossa saúde; um piloto credenciado para nos guiar pelas correntezas; seguranças para proteger nossos passos; uma cozinheira para nos nutrir com sabores da selva; uma faxineira para manter nosso refúgio limpo e acolhedor; um antropólogo para decifrar os mistérios culturais; um mecânico para domar as engrenagens do barco; e um auxiliar de serviços gerais para tarefas diversas.

No dia seguinte, com o coração acelerado, comuniquei a Aníbal meu plano. Ele ficou extasiado, gritando e até chorando. A adrenalina expulsou o álcool remanescente de suas artérias, e sua expressão era uma mistura de euforia e gratidão. Eu já sabia quais profissionais seriam essenciais para nossa equipe, pois a Floresta Amazônica não era para leigos. Os riscos eram reais, e eu havia pesquisado sobre os perigos daquela região. Contrataríamos um guia local, e eu sabia exatamente quem seria a pessoa ideal para nos conduzir por esse mundo de maravilhas e mistérios.


Aníbal

Matheus, o Guia Mameluco

Em 2003, tive a oportunidade de explorar Belém, uma cidade rica em história e cultura. Contratei um guia chamado Matheus, cujo conhecimento sobre a região se estendia além dos pontos turísticos convencionais. Ele me conduziu por uma jornada inesquecível, revelando segredos e histórias que só alguém criado nas entranhas da floresta amazônica poderia conhecer.

Nossos dias foram preenchidos com visitas a lugares fascinantes:

1. Estação das Docas: Um complexo turístico e cultural construído onde outrora funcionava o Porto de Belém. Inaugurada havia apenas três anos, oferece uma mistura de restaurantes, bares e lojas, tanto em ambientes internos quanto externos.
2. Mercado Ver-o-Peso: Um dos mercados públicos mais antigos do Brasil, situado às margens da Baía do Guajará. Aqui, os aromas e cores da Amazônia se misturam em uma experiência sensorial única.
3. Forte do Presépio: Também conhecido como Forte Castelo do Senhor Santo Cristo, foi criado em 1616 e marca a fundação de Belém. Sua arquitetura e localização à beira do rio são impressionantes.
4. Basílica de Nazaré: Uma das únicas basílicas da Amazônia, é o ponto de chegada da imagem Peregrina durante o famoso Círio de Nazaré.

5. Museu Goeldi: O primeiro parque zoobotânico do país e a instituição científica mais antiga da região amazônica. Um lugar para explorar a biodiversidade e a cultura local.
6. Bosque Rodrigues Alves: Idealizado pelo Barão de Marajó, este jardim botânico foi inaugurado em 1883. Seus enormes exemplares de árvores e trilhas sombreadas proporcionam um refúgio tranquilo.
7. Parque Estadual do Utinga: Criado em 1993, é responsável por 63% do abastecimento de água da região metropolitana de Belém. Um lugar onde a natureza se desdobra em toda a sua exuberância.

Matheus, além de guia, era um apaixonado pela gastronomia local. Cada parada em mercados e restaurantes era uma verdadeira imersão nos sabores autênticos da Amazônia. Ele compartilhou comigo sua origem: filho de um político da região e de uma índia da tribo Anambé. Seu pai nunca havia lhe registrado ou assumido, mas trouxe-lhe ainda menino para Belém e lhe custeou os estudos. Seu nome indígena permanecia um mistério, guardado com carinho nas entranhas da floresta. Somente a tribo lhe tratava pelo nome índio. Nossas conversas foram como trilhas na selva, revelando segredos e conexões que jamais esquecerei. E as fotos que tirei? São lembranças vivas desse encontro com a Amazônia, gravadas em minha memória para sempre.

Matheus, o guia experiente da Amazônia, era mais do que um nome. Era uma conexão profunda com a terra, com as águas e com as histórias que ecoavam pelas densas florestas. Seus olhos, escuros como a noite sem lua,

guardavam segredos antigos e conhecimentos que se perdiam nas brumas do tempo.

Sua vida fora moldada pelas margens dos rios da Amazônia, pelos sons dos pássaros e pelo cheiro da terra molhada. Matheus não era apenas um guia; era um contador de histórias, um guardião das lendas que permeavam a selva.

Quando nos encontramos novamente, anos após nosso primeiro encontro, foi como se o tempo tivesse se dobrado sobre si mesmo. Matheus ainda usava suas roupas típicas de guia indígena: colares de sementes e pulseiras de palha trançada em seus pulsos. Tinha barba e bigodes castanhos e trinta e poucos anos de idade.

Partimos juntos para o Arquipélago do Marajó. Em Salvaterra, dançamos ao som do carimbó, uma tradição que Matheus conhecia bem. Lá, conheci a luta marajoara, celebrando a vida e a natureza. E, nas margens das praias desertas de água doce, senti a energia da terra e do rio se entrelaçando. O município nos presenteou com suas praias de areia fina, onde as árvores se inclinavam para beijar a água dos rios.

Mas foi em Portel e Melgaço que Matheus revelou seus segredos mais profundos. Ele me levou até as aldeias ribeirinhas, onde as casas de palafitas se erguiam sobre as águas. Conversamos com os moradores, compartilhamos histórias ao redor da fogueira e provamos o tacacá, uma iguaria amazônica. Portel me recebeu com suas feiras coloridas, onde artesanatos e iguarias locais se misturavam. Fiz compras, tomei banho de rio e pesquei, sentindo-me parte da comunidade ribeirinha. E,

em Melgaço, os sabores exóticos me desafiaram: o vatapá, o pato no tucupi e a maniçoba. O açaí com farinha, por outro lado, não conquistou meu paladar, mas fazia parte da experiência.

Claro que telefonei para ele na intenção de que fosse nosso guia na aventura que se seguiria. Ele concordou desde que antes de mais nada, passássemos na aldeia em que nasceu para avisar a mãe da morte recente do pai dele. Concordei.

Fazer contato com Matheus foi como abrir um baú de memórias, desenterrando lembranças que haviam se acomodado no fundo da minha mente. A voz dele, carregada de sotaque amazônico, ecoava como o canto dos pássaros nas manhãs úmidas da floresta. E, ao relembrar nossas aventuras, os detalhes ganhavam vida novamente.

Os igarapés da Ilha de Marajó surgiram diante dos meus olhos: corredores líquidos entre as árvores, onde a água se movia com a calma de quem conhece todos os segredos da terra. Matheus me contara que esses igarapés eram o coração pulsante da Amazônia, veias que irrigavam a selva e sustentavam a vida.

Em Soure, a ilha me presenteou com uma experiência única: montar num búfalo. O lombo daquele gigante gentil me levou através de um curso d'água, e eu me senti parte da paisagem, um intruso temporário naquele mundo de casas sobre palafitas e redes balançando ao vento.

Na fazenda, o arvorismo me desafiou a enfrentar as alturas, a confiar nas cordas e nas minhas próprias pernas. A adrenalina se misturava ao cheiro da terra e ao

som dos macacos no topo das árvores. E, depois da aventura, a mozarela de búfala derretia na boca, um sabor que só a Amazônia poderia oferecer.

Agora, com a promessa de adentrar ainda mais na mata, a expectativa crescia dentro de mim. Aníbal havia criado uma aura de mistério em torno dessa próxima etapa. Eu precisava planejar, preparar-me para o desconhecido que se estendia à minha frente. A Amazônia, com seus segredos e suas belezas, aguardava-me, e eu mal podia esperar para desvendá-la.

Mas vamos à recordação de um acontecimento que mudaria completamente a perspectiva de nossa viagem... sentados à beira de um riacho no interior de Breves, lanchávamos enquanto observávamos a vida ao nosso redor. Foi então que um pescador com clara herança indígena passou por nós, seus ombros carregando um contraste intrigante: vários peixes pendurados de um lado e, do outro, um jacaré morto.

Curioso, não pude deixar de perguntar a Matheus sobre as leis de caça na região:

- “Matheus, não é proibido caçar aqui?”

- “Sim, meu amigo. Aqui ou em qualquer outro lugar do Brasil”, respondeu ele com serenidade.

- “E esse homem que passou por nós não tem medo de ser preso?”

- “Ele sabe que é difícil que isso aconteça. A fiscalização é escassa. Geralmente, só ocorre quando alguém denuncia.